

Director-Editor
FERREIRA DA SILVA
a quem deve ser dirigida toda a
correspondência

Endereço telegráfico
ALGHARB — Faro

Não se resguardam originais, sejam ou não
publicados, e não se aceitam informações
anônimas

Redacção e administração
Rua de Alportel n.º 27

ELIGIÇÕES

A hora que este jornal sair
deve ter começado o acto eleitoral.
Não é um acontecimento ba-
nal o que hoje se vai realizar,
por várias razões.

O partido político que tem
actualmente a gerência dos nego-
cios do Estado, efectua assim uma
das aspirações que o levou quasi
à revolução e que, na sua maioria
o fez aplaudir a revolução dezem-
brista enquanto ela lhe foi favo-
ravel. Durante anos o tema desse
partido, a sua divisa, o seu
terreno de combate, foi a imposi-
ção da dissolução do parlamento
como meio infalível de correção
para a chamada ditadura demo-
crática. Não se pode dizer que
não tenha conseguido os seus fins
nem pôde queixar-se de que a
sorte o não bafejou; pois as cir-
cunstâncias e os avâlars da polí-
tica aí trouxeram a ser o pri-
meiro a aproveitar-se da dissolu-

O párdo político que tem
actualmente a gerência dos nego-
cios do Estado, efectua assim uma
das aspirações que o levou quasi
à revolução e que, na sua maioria
o fez aplaudir a revolução dezem-
brista enquanto ela lhe foi favo-
ravel. Durante anos o tema desse
partido, a sua divisa, o seu
terreno de combate, foi a imposi-
ção da dissolução do parlamento
como meio infalível de correção
para a chamada ditadura demo-
crática. Não se pode dizer que
não tenha conseguido os seus fins
nem pôde queixar-se de que a
sorte o não bafejou; pois as cir-
cunstâncias e os avâlars da polí-
tica aí trouxeram a ser o pri-
meiro a aproveitar-se da dissolu-

E é facil prever porque a
psicologia colectiva tem sofrido
graves e fundas alterações nos
seus pormenores, e até nas suas
linhas gerais directivas.

E é um fenômeno mundial que
nos deixa surprezos e indecisos,
não só em face da raça latina, mas
também em frente das outras
raças.

Veja-se o que se está passando
na Inglaterra, o antigo modelo
das paixões constitucionais pelo
seu admirável espírito conserva-
dor, na Itália, na Alemanha e
em outras nações!

Cremos, no entanto, que as no-
vas camaras serão um pouco mais
selecionadas, que as antigas por-
que os tempos mudaram bastan-
te. Sobre estas eleições não ha-
a atmosfera que pezou sobre as
outras, atmosfera justificada pelo
recoio de que se certos homens
fossem eleitos o régimen poderia
perigar.

Creamos, no entanto, que as no-
vas camaras serão um pouco mais
selecionadas, que as antigas por-
que os tempos mudaram bastan-
te. Sobre estas eleições não ha-
a atmosfera que pezou sobre as
outras, atmosfera justificada pelo
recoio de que se certos homens
fossem eleitos o régimen poderia
perigar.

Começamos a sahir de um se-
ctarismo, alimentado, tantas ve-
zes, não só pelos receiosos ami-
gos do régimen, mas por tantos
especuladores e bandoleiros da
política que fazem toda a diligê-
cia para confundir a segurança
do régimen com a posse da ga-
mela com que o Estado os tem
alimentado.

Oxalá que assim seja e que
o paiz alguma coisa tenha ganho
com a mudança.

Congresso Algarvio

Acompanhado de uma carta do
sr. dr. Agostinho Lúcio, recebe-
mos o manifesto que a comissão
organizadora do Congresso Al-
garvio, acaba de distribuir expi-
cando os motivos que a levaram
a renunciar à organização e reali-
zação do referido congresso. É
um documento extenso e bem
escrito em que a comissão diz da
sua justiça e que o nosso preso
colega de Lisboa A Patria já pu-
blicou na íntegra.

Entendemos, no entanto, regis-
trar aqui as seguintes passagens
desse relatório que é assinado pelo
pelos srs. dr. Agostinho Lúcio,
António Júdice de Magalhães Bar-
ros, Estevão Paulo Alonso, Aníbal
Lúcio de Azevedo, Jacinto Par-
reira, José Francisco da Silva,
José Parreira e Manoel Roldan y
Pego:

Sob a presidência do sr. gover-
nador civil se realizou a sessão
pública em que foi feita a apresen-
tação dos delegados de Lisboa, à
conferência expositiva das bases
organicas do Congresso, e propo-
sas das comissões, o que todo foi
aprovado sem a mais leve impugna-
ção ou discordância aparente na
sessão de 23 de março de 1921. E
os delegados regressaram a Lisboa
na mais suave e segura convicção
de que as apreensões e arios lo-
calizados ao andamento do Con-

greço, de todo se tinham desvan-
cido, espungando-se da atmosfera
Congressista os sinais suspeitosos
de uma perturbação meteorológica
imminente. Neste estado de alma
nos mantinhamos todos, quando
fomos surpreendidos por uma carta
assinada por cinco ilustres algar-
vios, publicada no numero 56 do
«Correio do Sul», de manifesta
oposição crítica, iniqua, hostili-
dade à conferência de propaganda
e ao programa orgânico do Con-
gresso sob a modesta forma de
certos reparos. Esta inesperada
mudança da escena não permitiu
mais duvidas, ante o significado do
documento publicado, e que não
era senão o explodir da tempestade,
e cujas raízes vizavam a ferir de
morte a comissão executiva, por
vezes alvejada com ironias, alusões
e comentários tendenciosos aos seus
actos, e cuja inutilidade se via
proclamando. E porque a comissão
funcionando em Lisboa era excen-
trica, proclama-se a sua transfe-
rência para Faro, onde seria con-
centrica, e ao mesmo tempo os
algarvios de intra-muros pugnavam
pela reivindicação de direitos que
ninguem ouvira contestar-lhes, eis
que queriam pensar por si e agir por
si, apregoando a sua capacidade
para uma governação gradualmen-
te liberal das peias do poder cau-
sal, um programa completo de
governo «sem política de especie
alguma».

Aspira-se a um autonomia ad-
ministrativa, por enquanto, mas

O ALGARVE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Domingo, 10 de julho de 1921

De Lisboa (Carta semanal)

Enfin, temos eléctricos... Em vespertas de eleições

— Uma iniciativa de utilidade

Um espectáculo triste

A mendicidade em Faro. Meio de evitar o cortejo semanal
dos pedintes. Um modelo a seguir. Ao sr. comissário de polícia

Emfim! Após quasi um mês de
longos e massadores passos quo-
tidianos, com o peito estafado,
alguns pares de botas prontos a
sofrerem os custosos concertos e
algumas pragas á mistura, o lis-
boeta tem carros para viajar, e a
cidade volta a assumir o seu cara-
cter de terra civilizada.

E' claro que os passageiros re-
jubilam, não só porque os bens
perdidos e depois encontrados,
sao os mais apreciados, como
porque as carroças não foram au-
mentadas, o que nos permite pro-
seguir as viagens nas mesmas con-
dições anteriores que — diga-se de
passagem — não são nada más,

atendendo a forma como as coisas
presentemente estão.

E stremto, e a darmos crédito
ao que por aqui se remureja, apraz
nos perguntar: E por quanto tem-
po teremos carros?

Começaram ainda há poucos dias
— quasi no fim da semana — os
verdadeiros preparativos de pro-
paganda eleitoral.

As paredes enchem-se de visto-
sos e sugestivos cartazes exhibi-
do, de mistura com retumbantes
promessas, os nomes dos que vão
sentir-se nos fauteuils parlamenta-
res, enquanto o povo — eterno lu-
dríbrio — escuta as suas tiradas
de efeitos... materiais para os
oradores e dezenhuns esfôtos
práticos para a nação, e, conse-
quentemente, para o bem estar
desse povo.

Porque a maioria pensa assim,
a indiferença pelo acto eleitoral é
notória, e a abstenção deve ser
tremenda. Nós, ao contrario do
que, inconscientemente, dizia nes-
se

Creamos, no entanto, que as no-
vas camaras serão um pouco mais
selecionadas, que as antigas por-
que os tempos mudaram bastan-
te. Sobre estas eleições não ha-
a atmosfera que pezou sobre as
outras, atmosfera justificada pelo
recoio de que se certos homens
fossem eleitos o régimen poderia
perigar.

Começamos a sahir de um se-
ctarismo, alimentado, tantas ve-
zes, não só pelos receiosos ami-
gos do régimen, mas por tantos
especuladores e bandoleiros da
política que fazem toda a diligê-
cia para confundir a segurança
do régimen com a posse da ga-
mela com que o Estado os tem
alimentado.

Oxalá que assim seja e que
o paiz alguma coisa tenha ganho
com a mudança.

NOTAS

COMENTARIOS

A regulamentação da pesca

As comissões locais que o sr.
ministro da marinha mandou ouvir
sobre a regulamentação da pesca
compõem-se dos seguintes indivi-
duos:

Lagos — capitão tenente Alberto
Carlos dos Santos, presidente,
José dos Santos Martins e Joa-
quim Amancio Saigüero, vogais,
Sebastião Luiz da Silva — secretário.

Portimão — capitão tenente João
Filipe das Dores Quadros presi-
dente, António de Carmo Provi-
tório e Alberto Ribeiro de Azevedo,
vogais, Luiz Maria Vieira, secre-
tário.

Faro — capitão tenente António
de Macedo Rinalho Ortigão pre-
sidente, Constantino Cunano e
José Crispim de Sousa, vogais,
Francisco Feliciano Quaresim, se-
cretário.

Olhão — 1.º tenente José Maria
Claro Outeiro, presidente, Manoel
do O. Assumpção, João da Cruz
Boquinhas, vogais e José Damá-
ceno de Andrade, secretário.

Tavira — alfeizes da guarda fiscal
Engenho Marinho Ferreira de Sou-
sa, presidente, dr. Henrique Leo-
te Cavaco e Francisco Pedro Ma-
chado, vogais, Joaquim António
Correia, secretário.

Vila Real de Santo António —

capitão tenente José Augusto de

Assinaturas

Pagamento adiantado

Portugal, Ilhas e Espanha 6 meses. 1.500

Coloniais e Estrangeiro. 2.000

Comunicados e Anúncios

Na 3.ª e 4.ª pagina, cada linha \$10

Nas outras páginas, contracto
especial

Composto e impresso na tipo

grafia d'O Algarve.

RUA DE ALPORTEL, N.º 23 — FARO

Costa Tavares, presidente; Rafael Rodrigues Cordeiro e José Fernandes Piloto, vogais e Joaquim António Correia Júnior, secretário.

Estas comissões mandarão a Faro os seus delegados que terão de deliberar com a comissão departamental de Faro que é composta dos seguintes indivíduos:

Presidente, capitão de mar e guerra, José Ferreira de Sousa Júnior, secretário, capitão tenente António de Mamede Ramalho Ortigão, Vogais, Francisco de Almeida Corte Real por Lagos, João António Judge Fialho, por Portimão, José Alexandre da Fonseca, por Faro, João do Nascimento Pite, por Olhão, Jaime Pires Cansado, por Tavira e Manoel Ramiros, por Vila Real de Santo António.

Subscrição a favor do Azil Esperança Freire de Tavira

Palhares & Palhares L. — 2000;

Barros & Filho — 1000; Vilar,

Azevedo & C. — 1000; Ricardo da Silva Pires — 2000; Diogo & C. L. — 5000; Charles & Chapman — 1000; José Nogueira de Almeida — 3000; Osório Carvalho & Breitas L. — 10000; Ribeiro & C. — 3000; Armando Feijo — 2000; Vasco Cunha — 2500; António Antunes — 10000; Manoel Almeida Baptista — 10000; Luiz Santos Viegas — 3000; José Marinho de Carvalho — 10000; F. Guerreiro Gericota, L. — 2000; João Lopes — 5000; João Sousa Machado — 2000; S. C. Spone — 2000; Carlos Saturnino Coutinho — 10000; Joaquim Manoel Silva — 10000; Abel Pinto — 10000; Româo de Oliveira — 10000; João Filipe — 3000; D. Maria Filipe — 2000; Constantino Filipe — 10000; José Luiz Ferreira Sampaio — 10000.

Total — 1.443.000 entregues à junta geral em 2 de junho de 1921.

Agradecço especialmente aos srs.

Directores do Banco Colonial que

fizeram gratuitamente a transfe-

rencia da importância mencionada.

João Rodrigues Aragão

Nossa Senhora do Carmo

Começaram na quinta feira as novenas de Nossa Senhora do Carmo a que concorrem numerosíssimos fiéis ansiando de prestar à Santíssima Virgem as horas que lhe são devidas.

Um gracioso grupo de virtuosos e gentis senhores da sociedade farense, superiores e proficientemente dirigido pelo Ex.º Sr. D. Matilde de Miranda, tomou este ano a seu cargo cantar a novena a Nossa Senhora, contribuindo assim para que estas manifestações do culto se tornem mais brilhantes e conmovedoras e belíssimos canticos em honra da Mãe de Deus, em vozes de suavíssima harmonia, impregnadas da mais piedosa unção.

Devem ser imensamente agradáveis à Santa Rainha dos Ceus os canticos e preces que os fiéis lhe erguem quando as vozes que esses canticos modulam têm a fresca suavidade da inocência e quando os labios que essas preces preferem reguam a docura inegualável da Fé.

E' antiquíssimo o culto em honra de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Vem desde o século XII a sua organização em ordem, mas já no século V eram conhecidas as suas práticas.

Foi o cruzado calabresa Berthold quem, no cumprimento de um voto feito no maus acaso de mortifera batalha, se recolheu às ruínas de um antigo mosteiro que desde o ano de quatrocentos existia no Monte Carmelo ou de Santo Elias na Samaria, Palestina, habitado então só dos saracenos, habitado então apenas por alguns pobres anachoritas.

Foi o patriarca de Jursalem Alberto de Vercell, quem redigiu o seu primeiro Estatuto, aprovado por Inocencio IV.

A ordem tinha especialmente por missão propagar o culto da Virgem e a devoção do Escapulário.

A obra dos Carmelitos progrediu rapidamente.

Um dia Nossa Senhora apareceu a S. Cirilo, que profundamente consternado com as heresias da sua época, procurava apartar-se de toda a convivência humana e disse-lhe:

Se queres fugir às heresias dos gregos, busca asilo no Monte do Carmo e segue o caminho que te fôr indicado.

Em obediência a este mandado partiu S. Cirilo para a Síria encontra-se em Jursalem com S. Brocardo, então prior geral do Monte do Carmo que o recolheu na sua cela onde a Virgem de novo lhe apareceu, louvando a sua resolução.

S. Cirilo foi eleito prior do Monte do Carmo, ao tempo em que o

convento, estava quasi deshabitado. Foi então que a Santa Mãe de Deus de novo lhe apareceu desendendo-lhe:

Não tardarão muitas pessoas de posição elevada em entrar nesta Ordem e muitos mosteiros dependentes desta, serão fundados em diversos pontos, para glória de Deus e exaltação da Santa Egreja.

Esta promessa foi largamente cumprida, como se virá.

(Continua)

Digno de louvor

No meio da especulação desenfreada, de avareza e de sordido espírito de ganancia de tantos comerciantes e industriais, são dignos de louvor todos os que procuram reduzir os seus lucros baixando os preços de venda, especialmente dos produtos alimentícios. Está neste caso o sr. José Pedro, proprietário da casa de pasto da Rua Pinheiro Chagas, n.º 6 (a Pontinha), que hoje anuncia no nosso jornal uma redução de preços que junta á sua atividade o espirito de iniciativa merece os louvores de todas as pessoas de bem.

Teatros e Clubs

No Lethes e no Cine

Quatro representações do Burro do sr. Alcâide, que são outras tantas noites de inolvidável prazer.

Foi um verdadeiro sucesso no nosso meio a representação da velha mas sempre linda opereta de Clímaco Cardoso, Gervasio Lobato e D. João da Camara, não só pelo que de arrojado constitui o facto de levar a cabo tarefa tão difícil, como pelo desempenho verdadeiramente notável, que o Burro do Sr. Alcâide teve por parte do distinto grupo de senhoras e cavalheiros que, sob a proficiência da direcção dos srs. dr. Fructuoso da Silva e Armando Casanova, gentilmente se prestou a dar ao público de Faro o inolvidável prazer dessas quatro noites de arte.

Não é costume fazerem-se apresentações detalhadas, e muito menos, críticas rigorosas ácerca de espetáculos desta natureza; mas, por considerarmos o trabalho dos distintos amadores que tomaram parte nas recitas digno de verdadeiros artistas, não nos furtamos á tentação de lhes fazermos as referências que julgamos justas e merecidas. Elas terão, pelo menos, o mérito de prestar justiça a quem a merece e de encorajar vocações e vontades que pena seria não tornarmos a ver aproveitadas para fins idênticos.

Quanto ao desempenho, permita-se-nos que coloquemos no primeiro plano as sr.ºs D. Mariana Cabeças, D. Anna Carneiro e D. Matilde de Miranda. Não queríamo dizer que estamos distinguindo estas senhoras com as naturaes deferencias que é de uso ter para as damas. Não, senhor. É porque realmente, em nossa opinião, foram estas senhoras que mais se distinguiram pelo seu trabalho, se tivermos em consideração que pela primeira vez pisavam o palco e numa gama de grandes responsabilidades. O seu esforço não podia ter sido nem mais inteligente nem mais digno de elogio.

No decorrer de toda a opereta elas se mostraram perfeitamente conhecedoras dos seus papéis, sem as hesitações tão proprias e tão desculpáveis dos amadores, antes interpretando os respectivos personagens com uma inteligente firmeza e com invulgares conhecimentos artísticos. A forma como D. Mariana Cabeças ouviu a descrição da morte do burro, feita pelo «Maduro» no 2.º acto, não seria excedida por qualquer artista de repertório. Dizemo-lo sem receio de que nos alcunhem de exagerados.

E' uma cena difícil em que a artista só tem o recurso de se defender com gestos e com o jogo fisionómico durante toda a tirada do bolicário do Attilio. E D. Mariana Cabeças fez-o magistralmente.

D. Anna Carneiro, sempre muito a vontade, deu-nos uma «Gina» de licença, interessante e alegre. Aliando a graciosidade do gesto e do riso admiravelmente o tablado, a sua formidabilissima voz, e extensa argúcia, a gozinharia do bolicário fez decerto invejar a muitos tios não possuirem sobrinhas como tal talento...

D. Matilde Miranda, num papel difícil como é sempre o dum característica, defendeu-se inteligentemente. Foi uma verdadeira D. Marca, com bofetadas à mão de semear, distinguindo-se nas noites de entrada do 1.º acto e no 3.º acto.

Todas cantaram magnificamente, seguras como artistas.

Dos homens, na proporção das responsabilidades dos seus respectivos papéis, não distinguiremos entre os dois principais: José de Matos e Dias Monteiro. Mostraram ambos admiráveis recursos no seu

explendid o trabalho, marcando bem o carácter de cada um dos personagens e mantendo-os de princípio a fim em todos os seus detalhes. Injustiça seria não nos referirmos á maneira como José de Matos (Alcâide) fez o interrogatório da 3.ª acto e como ouviu o dialogo de «Gina» e «André» no mesmo acto.

Os artistas consagrados nos poderiam dar a impressão que José de Matos deixou em todo o público com o seu admirável trabalho, dum naturalidade rara nos palcos. Muito bem.

Dias Monteiro («Maduro»), foi felicíssimo na descrição da morte do burro, do 2.º acto, cena difícil em que pôs á prova os seus largos conhecimentos de distinto amador que é. Teixeira Daniz deu-nos um meirinho intelligentemente estudado, sem hesitações e mantendo sempre bem o personagem. Teve graça, sem exageros.

O André (João Mascarenhas), que na opereta quasi só tem de cantar, não podia encontrar melhor interprete. Mascarenhas tem uma voz bem timbrada, agradável, com os agudos claros e maleáveis.

Coniou muito bem, especialmente a Valsa do 1.º acto, com D. Ana Carucaro. É um elemento de apreciável valor para este género de teatro.

O dr. Justino Bivar, Luís e Jerônimo Bivar, respectivamente nos papéis de «Zacharias», «Fidelino» e «D. Pacomio», delinearam, fixaram e mantiveram durante toda a peça os seus personagens com invulgar firmeza.

E' nesta nitida compreensão do carácter dos interpretados que está o verdadeiro mérito de quem pisa o palco.

Em papéis de importância secundária D. Maria Amélia Caniado de Carvalho, D. Adelaide Borges, Alvaro de Lemos, dr. Constantino Cumano, Henrique Borges e Luis Quarema, contribuiram inteligentemente para a notável harmonia do coniugado que não podia ter sido melhor.

Os zeros magníficos, pelo menos tão bons como os melhores de opereta que temos ouvido. O concertante final do 1.º acto, de dificilíssima execução, foi cantado por forma impecável, assim como o canto da abertura do 2.º acto. O canto dos Sebastianistas, no qual, além do «Maduro», «Zacharias», «Fidelino» e «D. Pacomio», tomaram parte os srs. Raul Bivar, Artur Pinto e Filipe Costa, mereceu as horas de bis, fazendo assim o público inteira justiça, pois foi magistralmente cantado.

A orchestra, sob a firme regência do dr. Fructuoso da Silva, muito bem calculados o trabalho exigitante que o dr. Fructuoso da Silva deve ter despendido para conseguirl levá-la a bom porto o celebrado «Burro», e por isso daqui lhe endereçamos as nossas calorosas felicitações pelo notável êxito que coroou o seu louável esforço, bem como o de todos os componentes do grupo.

Egualmente felicitamos os srs. Armando Casa Nova, ensaiador, pois a encenação foi admirável e revela um profundo conhecimento do mestre. Guarda roupa a rigor, da casa, Cruz, de Lisboa, e acusava o teatro da Trindade, de magníficos efeitos.

Enfim, foram quatro noites que deixaram inolvidáveis recordações e que mostraram a Faro os apreciáveis elementos de que dispõe esta cidade para empreendimento de tal natureza, o que julgamos não será facil encontrar fora dos grandes centros.

Regressou a Faro a esposa e filha do capitão sr. Francisco d'Assis Chrispim, com o alferes comandante da secção da guarda fiscal em Tavira sr. Eugénio Marinho Ferreira de Sousa, filho do sr. Francisco do Carmo Sousa, oficial do governo civil deste distrito.

Celebrou-se ontem na Sé Catedral desta cidade o consório da sr.º D. Alzira Gid Chrispim, filha da sr.º D. Maria Luna Chrispim e do capitão sr. Francisco d'Assis Chrispim, com o alferes comandante da secção da guarda fiscal em Tavira sr. Eugénio Marinho Ferreira de Sousa, filho do sr. Francisco do Carmo Sousa, oficial do governo civil deste distrito.

— Estiveram na capital os srs. José Cortes e José Mora, de Lagos.

— Regressou a Faro a esposa e filha do capitão sr. Vieira Branco, que há dias tinham partido para Lisboa, de onde tinham partido para Macau.

— Partiram ontem para Lisboa o nosso colega sr. Pereira de Lemos e para o Alentejo o activo negociante sr. João da Silva.

— Esteve ontem nesta cidade o sr. João Craco Goijanas, de Beja.

— Esteve nesta cidade o rev. Basílio Correia, prior de Ferraguado.

— Com sua esposa partiu para Lisboa o sr. Virgílio Monteiro.

— Regressou de Tomar e partiu novamente para Lisboa o sr. dr. Cândido de Sousa.

— Encontra-se em Faro de visita a sua família o sr. Victor Ferreira Ventura, empregado no ministério das colonias.

— Regressou do estrangeiro a sua casa em Olhão, o sr. dr. Manuel Ventura.

— Esteve em Faro o engenheiro agrônomo sr. Diogo Romano de Sousa Folque Possolo, que na quinta-feira retirou para sua casa em Lisboa.

— Esta dirigindo a nova casa bancária Manoel Dias Sancho, que há pouco se montou nesta cidade, e cuja sede, brevemente sera mudada para as suas novas instalações na rua de Santo António, o sr. Pedro Machado, que na filial da caixa económica de Faro com muita inteligência desempenhava o lugar de chefe.

— Para os concorrentes a lotaria de professores agregados dos liceus legalizarem os seus documentos, vai ser dado o prazo de 5 dias.

— Foi autorizada a irmandade de N. S. do Carmo, de Tavira, a ceder a Junta Geral do distrito o edifício denominado o Hospital, para poder aumentar o número de assilados do Asilo de infância desforado.

— Para os concorrentes a logar

Ha 44 Anos

D.º O Distrito de Faro» de 5 de julho de 1877

Está já nesta cidade a atriz Maria do Carmo, atuam de representar no teatro Lethes na sua proxima futura época.

— Foi a pique em 21 de junho ultimo, na altura do Cabo de S. Vicente, o cahique deste porto Jesus e Glória, que se destinava para Lisboa carregado de coruça.

Os naufragos foram salvos pelo cahique Ave Maria, do porto de Olhão.

Tanto o cahique, como o carregamento eram propriedade da firma comercial desta praça Sancho & Filhos.

A cortiça estava segura.

— As actrizes Anna da Luz e sua irmã Maria José estão contracitadas no teatro Lethes de Dezembro de 1640.

— Pelo espantamento infligido a um tambor de infantaria 15, facto que a imprensa periodica censurou em tempo foi o sr. major reformado Francisco de Paula Brandeiro de Figueiredo, nosso patriarca, condenado em 5 meses de prisão na praça de Elvas.

Despedida

Virgílio Monteiro e sua esposa regressaram precipitadamente para Lisboa por motivo de doença, despedem-se das pessoas, das suas relações e parentes, por este meio aguardado o seu regresso para cumprir pessoalmente com o seu dever.

NOTÍCIAS PESSOAS

NOTÍCIAS PESSOAS

Com sua esposa regressou para Lisboa o sr. Manuel Dias Monteiro, ha pouco nomeado secretário do sr. ministro do trabalho.

— Esteve em Lisboa com sua esposa, o sr. dr. Fructuoso da Silva, agente do Banco de Portugal nesta cidade, que hontem dali regressou.

— Regressou das Caldas de Monchique o sr. Silva Nogueira.

— Acompanhando sua esposa que tensiona demorar-se em Lisboa partiu para ali o sr. João Monteiro Mascarenhas desta cidade.

— Celebrou-se ontem na Sé Catedral desta cidade o consório da sr.º D. Alzira Gid Chrispim, filha da sr.º D. Maria Luna Chrispim e do capitão sr. Francisco d'Assis Chrispim, com o alferes comandante da secção da guarda fiscal em Tavira sr. Eugénio Marinho Ferreira de Sousa, filho do sr. Francisco do Carmo Sousa, oficial do governo civil deste distrito.

— Estiveram na capital os srs. José Cortes e José Mora, de Lagos.

— Regressou a Faro a esposa e filha do capitão sr. Vieira Branco, que há dias tinham partido para Lisboa, de onde tinham partido para Macau.

— Partiram